



ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CB
HA

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade
Federal de
Uberlândia



UFPEL



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO


CEFET/RJ

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972

Presidente de Honra (in memoriam) – Walter Zanini

Diretoria (2020-2022)

Presidente – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente – Neiva Bohns (UFPEL)

Secretária – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro – Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios

Comissão Organizadora

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Imagem da capa

Lydio Bandeira de Mello (1929 -), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CDD: 709.81

Utopia em ruínas: melancolia e angústia nas fotografias de Annemarie Schwarzenbach

Vrndavana Vilasine Laune Correia, Universidade de Brasília
<https://orcid.org/0000-0002-4243-8903>
havsbrisenn@gmail.com

Resumo

Enfrentar o vazio e a incerteza que assombam a vida durante períodos atribulados exige que um ponto a tensão seja elaborado, para direcionar as forças produtivas no mundo se apresenta em desordem e reorganizar os estímulos capazes de alterar a realidade. Trataremos nesse artigo das fotografias de Annemarie Schwarzenbach, fotógrafa e viajante suíça, que percorreu os Estados Unidos como correspondente em solo americano, registrando a situação dessa nação que ainda não havia se recuperado da Crise de 1929. Desenvolveremos a imagem de uma sociedade submersa ruínas, que em seu conjunto, é melancólica, destacando o conteúdo das imagens de Schwarzenbach que refletem a angústia e a perenidade, as leituras privilegiarão conceitos como mal-estar, melancolia e o Outro para delinear o retrato de uma época atribulada, a partir de autores como Walter Benjamin, Susan Sontag, László Földényi.

Palavras-chave: Fotografia. Melancolia. Arte. Ruína. Torpor.

Abstract

Facing the emptiness and uncertainty that haunt life during troubled periods to direct the productive forces in a world in disarray and reorganize the stimuli capable of altering reality. We will deal in this article with the photographs by Annemarie Schwarzenbach, a Swiss photographer and traveler who traveled around the United States as a correspondent on American soil, recording the situation of this nation that had not yet recovered from the Crisis of 1929. We will develop the image of a society submerged in ruins, which as a whole, is melancholic, highlighting the content of Schwarzenbach's images that reflect anguish and perenniality, the readings will privilege concepts such as malaise, melancholy, and the Other to outline the portrait of a troubled time, based on authors such as Walter Benjamin, Susan Sontag e László Földényi.

Keywords: Photography. Melancholy. Art. Ruin. Numbness.

Annemarie Schwarzenbach foi uma viajante, fotógrafa e escritora suíça. Atravessou desertos e fronteiras, destemida buscou pelas distâncias utópicas. Escreveu para jornais e revistas, como correspondente em países Orientais, Estados Unidos, Europa e África, e presenciou a instabilidade do período entre Guerras. Esta comunicação se dedicará a algumas imagens produzidas durante sua viagem aos Estados Unidos entre 1937-38, estágio ainda tenso de pós Queda da bolsa em 29, enquanto o país tentava se reerguer com o *New Deal* proposto pelo então presidente Frank Roosevelt, em sua investida intensa para conter os infortúnios enfrentados pelo povo, em razão da crise econômica. Annemarie Schwarzenbach viaja com a também fotógrafa Barbara Hamilton-Wright, a quem conheceu na Pérsia em 1935, com a intenção de realizarem fotorreportagens nas áreas industriais do Norte dos Estados Unidos. No mesmo período, o governo americano implementa o programa *Farm Security Administration*, que em uma de suas linhas operatórias recrutou uma equipe de fotógrafos para documentar e validar a efetividade do projeto perante a sociedade. Eles recebiam instruções detalhadas do que deveria ser retratado, em caráter estritamente documental, o que mais tarde causou a evasão daqueles na equipe que não concordava com a finalidade propagandística das imagens. Annemarie Schwarzenbach se depara com uma nação arruinada, oposta ao divulgado “país das oportunidades” dos anos 20.

A partir disto já podemos entender que as promessas, a euforia, a positividade – como no artigo publicado por ela no jornal *National Zeitung* intitulado “O fim do otimismo Americano” – se reconfiguram em desolação, pessimismo e fracasso que abate uma população sem recursos suficientes para agir em favor da mudança. A esta altura, o trabalho imagético de Schwarzenbach adquiria certa influência de outros fotojornalistas, porém como ela não tinha compromisso com algo além dos escritos, poderia desfrutar de certa liberdade produtiva, dispor da postura incomodada, desestabilizada e impactada perante ao desalento que ela testemunhou. Devemos considerar que se trata de um olhar estrangeiro sobre uma nação que se erguia perante o mundo como extraordinária, o que no entanto, nas fotografias de Schwarzenbach se manifesta distante desta realidade, não deixando margem para desacreditar em suas palavras sobre os locais de conflito e tensão que ela visita. Ao produzir suas imagens, Schwarzenbach parece se distanciar do caráter pragmático e documental do fotojornalismo, priorizando grupos marginalizados, excluídos do privilégio representativos. Carregadas de solidariedade e humanismo, coloca ao centro homens e mulheres que não correspondem à comissão idílica das propagandas americanas – porém, se mostram confiantes e firmes, como se aguardassem por um milagre que os realocassem nas dinâmicas sociais.

A espera é um dos fantasmas que paira sobre essa população que se conduz sobre o lamaçal do desamparo a que estão sujeitos. A distância que se instaura é dupla, de classe e temporal. As fotografias afirmam presenças e ausências, seja da figura que encara o espectador ou do sujeito capturado inadvertidamente, imagens localizadas em suspensão. A melancolia, elevada ao nível palpável,

instaura sua aura nos regimes alegóricos dos conjuntos de códigos manifestos nas fotografias. Das ruínas urbanas às poses dos indivíduos, o lugar onde a perda se perpetua sob o olhar delicado de Schwarzenbach, sobre o signo do ínfimo, do cenário prometido ao desaparecimento.



Figura 1. Annemarie Schwarzenbach, Dois homens em busca de emprego, 1937. Fotografia. Arquivo da Biblioteca Nacional Suíça, Berna. Schweizerische Nationalbibliothek (admin.ch).

Samuel de Jesus diz que o poder da imagem “se constitui ela própria no lugar do arquivo, sempre no presente de seu passado – tornando possível uma presença que se reativa perpetuamente” (JESUS, 2015). Os dois homens esperam, na porta do centro de empregos (figura 01). Dois sujeitos em busca da reinserção em um mercado que proverá algum recurso monetário em troca de seu tempo. Mas por enquanto, eles esperam em suas poses estatuárias. A petrificação é própria da melancolia (STAROBINSKI, 2016), os homens olham em direções opostas. Seus corpos na sociedade americana, também são antagônicos. O da esquerda recebe um tratamento abrandado apesar da sua posição social, o da direita se encontra no território da hostilidade, apartado de tantas oportunidades somente pela diferença

que carrega sobre a pele. Os quadris unem as duas figuras, como gêmeos de uma mesma categoria desvalidada suportando o desolamento de uma guerra constante.



Figura 2. Annemarie Schwarzenbach, Mulher com crianças em cabana (Luberton, USA), 1937. Fotografia. Arquivo da Biblioteca Nacional Suíça, Berna. Schweizerische Nationalbibliothek (admin.ch).

Um espaço distópico acolhe quatro figuras em pose (figura 02). Nenhuma delas olha para a câmera, se desviam da presença do registro, negam o contato com o outro. A figura mais velha abraça a criança pelo peito, busca opostamente a ela qualquer coisa que não podemos ver. Como Janus, uma cabeça parece olhar para o futuro e outra olha para o passado. Uma criança pequena, símbolo do devir

de um país, é amparada por aquela que a pátria não pode assistir. Duas mulheres, cidadãs de segunda classe. Sem direitos, somente deveres. As duas crianças sentadas na escada da casa amalgamadas ao cenário de troncos e árvores, são sombras que brincam com outras sombras.



Figura 3. Annemarie Schwarzenbach, Westfront Street, (Alabama, USA), 1937. Fotografia. Arquivo da Biblioteca Nacional Suíça, Berna. Schweizerische Nationalbibliothek (admin.ch).

Uma criança chora, contrariando Demócrito que ri, duas operações de temperamento análogos (figura 03). Talvez alguém venha buscá-la, Schwarzenbach coloca ao centro de sua fotografia um anjinho desamparado por alguma dor incognoscível. Suas roupas cobertas de sujeira sinalizam seus passatempos infantis ou o desabrigo que esse pequeno sujeito enfrenta. Atrás um garoto observa escondido. A criança chora para Schwarzenbach ou com medo da fotógrafa? O lamento dela ecoa de nossos olhos para os nossos ouvidos, ressona nas pedras e na cidade que se elevam atrás dela, através de um caminho governado por Saturno, anteriormente bem ordenado, nas palavras de Jean Starobinski “a utopia é violenta, quanto mais violenta, mais asperamente melancólica for a acusação, maior será o risco de ver essa violência persistir” [STAROBINSKI, 2016, p. 48]. A linguagem da melancolia é outra, não se encontra sob os mesmos signos de leitura ou nomenclaturas linguísticas. Se multiplica nas imperfeições do labiríntico luto. Consternação, mágoa e sofrimento, a criancinha enfrenta o mundo com as suas lágrimas como escudo, o mundo dos adultos que falharam, ao construir para ela promessas sobre destroços.



Figura 4. Annemarie Schwarzenbach, sem título, 1937. Fotografia. Arquivo da Biblioteca Nacional Suíça, Berna. Schweizerische Nationalbibliothek (admin.ch).

Outras três crianças nos olham face a face (figura 04). Elas estão portam a mesma marca que o homem que vimos em frente ao centro de empregos. Crianças provavelmente trabalham em troca do mínimo e da fome, herança ingrata de sua pátria não-original, elas ignoram que vivem sob o signo da nostalgia, um *desiderium patriae*, em seu valor primitivamente poético. As pequenas figuras enfrentam a fotógrafa. Uma delas se ergue acima de todos, como os vitoriosos das grandes pinturas de guerra apoiado por seu camarada. Como profetas destestáveis, sabemos dos tristes confrontos que os aguardam.

Uma mulher planta os dedos no chão estéril (figura 05). Verifica a carcaça de algo que pode ser aproveitável, uma matéria em reticência. O emblema antagônico se encontra atrás dela, sob a forma de uma fábrica em atividade, ou seja, produz algo. Com a mulher nos deparamos com o interrompido, ausente, sua atividade que tenta extrair do que foi rejeitado algo que garantirá o fluxo de sua fortuna. Decretado seu exílio, alheio a ela, na imagem vemos uma ferrovia. Vagões que transportam possibilidades e ilusões, indisponíveis para ela mesma e para o seu povo, que se curva sobre esse *tel* (*sítio* arqueológico) pútreo, como a pirâmide de Baudelaire em *Spleen*, “que contém mais mortes que a vala comum” (BAUDELAIRE, 2015, p. 35).



Figura 5. Annemarie Schwarzenbach, Mulher busca lixo atrás de uma ponte ferroviária, 1937. Fotografia. Arquivo da Biblioteca Nacional Suíça, Berna. Schweizerische Nationalbibliothek (admin.ch).

Annemarie Schwarzenbach circulou em meio aos sonhos desagradáveis e à impotência. A ironia é amarga, a melancolia se encontra na amplificação e na potência da dobra. O mundo é cego para a miséria que a fotógrafa retrata, reduzido em suas esperanças, o grito também é mudo. Reduplicando os silêncios, a fotografia já é ruína no momento de sua aparição, estabelece a cacofonia dissimétrica que parece própria do fim. Nas fotografias, a petrificação contempla e se permite ser contemplada, o passado e o futuro se unem no devir, a raiva é o desejo transformador represado, é da esperança virtuosa que são feitos os ossos sobre os quais esse país foi erigido, mas é dos destroços que seu povo recolhe suas ilusões. Como a interlocutora de uma melancolia latente, Schwarzenbach inscreve na história das imagens o duplo melancólico, ameaçador e complementar, da cisão entre os humanos, o lapso dos afetos, da falta insaciável e do destino constantemente reescrito no decurso do tempo.

Referências

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do Mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BENJAMIN, Walter. *Baudelaire e a Modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LÀSZLÓ, F Földényi. *Melancholy*. Reino Unido: Yale University Press, 2016.

JESUS, Samuel de. *Saudade* – da poesia medieval à fotografia contemporânea, o percurso de um sentimento ambíguo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

Klibansky, Raymond, Erwin Panofsky e Fritz Saxl [1964]. *Saturne et la mélancolie. Études historiques et philosophiques: nature, religion, médecine et art.* Paris: Gallimard, 1989.

STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia.* São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SONTAG, Susan. *Sob o signo de saturno.* São Paulo: LPM Editores, 2015.

VILAS-BOAS, Gonçalo (org). *Annemarie Schwarzenbach* – uma viajante pela palavra e pela imagem. Porto: Edições Afrontamento e Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2010.

Como citar:

VILASINE LAUNE CORREIA, Vrndavana .Utopia em ruínas: melancolia e angústia nas fotografias de Annemarie Schwarzenbach. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 278-285, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.023>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>